

Conversa Interrompida

Não me lembro quando o conheci. Terá sido durante o PREC, até porque sempre nos tratámos por tuí. Certo é que ficámos amigos e estávamos em plena correspondência erudita quando soube da sua morte por um sms da minha cunhada Rita Almeida Ribeiro. Por casualidade, no dia do trabalhador, encontrei na Praia das Maças o meu vizinho Manuel Heitor, que tantos anos intermediara a minha relação institucional com a tutela, e que também me apresentou à viúva e filha no velório na igreja da Estrela. Aí decidi sem mais delongas evocar a memória do homem bom que foi um grande português e um cidadão do mundo.

Em 1996, enquanto director do Centro de Sócioeconomia do Instituto de Investigação Científica Tropical, fui chamado a comentar a proposta de re-estruturação decorrente da avaliação internacional que ele promovera enquanto Ministro mas a relação só se definiu no virar do século, quando estava na OCDE. Graças a Isabel Rosa e Jean-Pierre Contzen, estreitou-se a partir de 2004, quando fui nomeado para chefiar todo o IICT e não apenas um dos seus vinte e quatro centros. No ano seguinte, Mariano regressou à tutela do IICT e promoveu nova avaliação internacional, que voltou a confiar a Contzen. Durante mais de um lustro, pude apreciar o genuíno interesse que tinha pelo saber tropical e pelas coleções históricas e científicas que o sustentam. Acompanhou com carinho as atividades do projeto de Jorge Borges de Macedo: Saber Continuar e revelou-se leitor atento da História Diplomática Portuguesa Constantes e Linhas de Força que reeditei em 2006. Deu ao IICT a representação portuguesa no Consultative Group for International Agricultural Research sediado em Washington e a promoção da plataforma africana do Global Monitoring for Environment and Security europeu, dita GMES Africa.

No início de 2011, confiou-me a importância da colaboração científica com a África do sul, e vim a perceber a confiança mútua com a sua homóloga na altura, quando, já em 2014, ambos homenagearam Nelson Mandela em Lisboa. Numa sexta-feira de outono daquele ano, acompanhado de João Sentieiro, visitou no Jardim Botânico Tropical a exposição sobre Viagens e Missões Científicas nos Trópicos (1885-2010), integrada nas Comemorações do Centenário (Foto 1). Lembrámos então o centenário do próprio Jardim, em 25 de janeiro de 2006, quando ele descerrou uma lápide alusiva, coisa que não gostava de fazer, depois de participar numa mesa redonda onde também estavam o Secretário Executivo da CPLP (representando o Conselho de Orientação do IICT) bem como J. E. Mendes Ferrão e Joe Berardo.

Em 5 de fevereiro de 2012, assisti à apresentação de *Ética, Crise e Sociedade* no Arquivo Histórico Ultramarino pelo seu amigo Contzen, por ocasião da conferência *Ciência nos Trópicos Olhares sobre o passado, perspectivas de futuro* que deu origem a uma publicação do IICT com o mesmo título, parcialmente reeditada em *Writing to Queens while Crises Proceed* (Foto 2).

Foi na Academia das Ciências de Lisboa, onde tantas vezes o encontrara, que o vi e ouvi pela última vez. Em 19 de fevereiro participou numa homenagem a Manuel Abreu Faro que se seguiu ao respetivo elogio histórico (Foto 3). Como não pude ficar até ao fim mandei-lhe um sms onde o felicitei pela coragem e autenticidade das suas palavras relativamente ao antigo mestre e sugeri um almoço depois da quaresma, ao que prontamente acedeu até por ter uma questão bibliográfica para mim.

Em 30 de março recebo uma mensagem onde se queixava de eu não ter respondido ao pedido de esclarecimento enviado a 21 de fevereiro. Vou transcrever o registo da conversa interrompida por minha culpa, já que não reencaminhei a tempo as respostas que pedira a Luiza, minha mulher, bibliotecária na Academia das Ciências: òMeu Caro Jorge Retomemos então a mal iniciada troca de impressões bibliográfica. Procurava anteontem o teu Damião de Góis et l historiographie portugaise, Paris, 1982 - Que hoje de manhã me veio parar às mãos, sem busca nem pecado, numa banca de rua de alfarrabistas na rua Anchieta. Falta (é claro) a chancela que tu autor um dia rabiscarás para mim, de forma a transformar acaso intencional em intenção preparada. Iniciada uma primeira leitura, e observado o volume, vejo, logo a abrir, a reprodução, a cores, de retrato dito Damião de Góis, Jan Mabuse (1478-1533 ou 1536) (by courtesy of Thos Agnew & Sons, Ltd). Donde a pergunta: Essa firma (Thos Agnew & Sons, Ltd) tem (tinha) o retrato mesmo? Uma gravura tardia dele extraída? Fornece e vende dele impressões gráficas, como a que o teu livro inclui? Procurei, certamente mal, achar resposta comercial banal e mandar vir uma cópia (trata-se de cumprir, na Flandres, uma intenção de obséquo e de amizade). Não cheguei lá por vias internéticas imediatas. Provavelmente, bastará tentar localizar a firma e escrever-lhes. Mas como poderias eventualmente lembrar-te do episódio da escolha e da obtenção do retrato, eis a questão.ö

Não tendo recebido esta mensagem, voltou à carga a 30 de Março, com o título òRe: pergunta sobre retrato de Gois in livro JBMacedo de 1982 - RELEMBRADA!: Bom dia Jorge Para não me teres respondido, - e na hora!, - só mesmo a tua discretamente insinuada invocação da quaresmaí Mas lá chegaremos, nem que a pretexto de um Goes retratado muito bem nutridoí O meu propósito hoje é apenas recordatório: erguer da jazida comum dos e-mails que se acumulam por certo nas tuas máquinas, aquele que te mandei e aqui reproduzo abaixo, e obter, se possível, uma reacção tua. Boa, má, ou nem isso. Em resumo: recordas-te do episódio? Se não, quem? Abraço amigo (e sem esquecimento dos partilhados ritos alimentares como fonte de sentido nas civilizações e nas amizadesí) Aguardarei! NB Aproveitei a espera e li todo esse teu livro de 1982 (de que só tinha feito uma primeira leitura: forte, sem papas na língua, e muitíssimo instrutivo: obrigadoö.

Apanhado em falso, respondi apressadamente à meia noite (acrescentei acentos): òObr q mariano não recebi juro nem sei talvez luiza em cópia por causa do pina martins...temos de nos ver antes do pentecostes abr de Frankfurtö. Logo chegou outra mensagem: òJorge Obrigado pela reacção. A pergunta ó volto à carga óé simples: lembras-te do assunto ou não? Se não (e seria improvável o contrário!) procurarei por outra via. Abraço amigoö à qual respondi de madrugada (acrescento os acentos): òObr por voltares à carga mariano o livro é do meu pai lembro circunstancias nada mais mas talvez a nora bibliotecária possa ajudar abrö. Poucas horas de pois uma reacção impaciente: òO livro é este. Não me venhas dizer que não é teu! Abraço amigoö (Foto 4).

No mesmo dia 31 de março, Luiza mandara informações para a minha conta da Faculdade, sem porém copiar Mariano: òsei que a gravura do retrato de Damião de Gois pertencia ao Professor Pina Martins, que a cedeu para a edição do Livro. Contou-me várias vezes que excelente que a gravura era e rara, tinha muito orgulho nesta escolha. De resto não sei onde poderá encontrar alguma cópiaö e logo a seguir òEsqueci-me de dizer que houve uma grande exposição na BN em 2002 com muitos retratos de Damião

de Goes, talvez possa pedir o catálogo desta exposição, foi entre 25 de Julho e 31 Outubro e o comissário foi Pina Martins.ö

Punge-me o coração ter interrompido a conversa. Julgo até saber a quem se destinaria o obséquio já que partilhamos a filiação na Academia Real da Bélgica, ele na ala flamenga eu na francófona mas nem por isso reencaminhei a tempo estas mensagens para o Mariano. Assim mas ficou uma confusão que me desvanece e mais saudades dele!

Depois da chegada tardia ao velório, percebi pela viúva que esta questão do Damião de Góis o tinha consumido e fiquei desolado de não ter respondido. Estando marcado um plenário de efetivos da classe de letras decidi fazer o seu elogio na Academia que tanto lhe devia e onde o vira pela última vez. Vários secundaram a homenagem mas tudo me sabe a pouco para lembrar Mariano.

Jorge Braga de Macedo